

O
REINO
DE
ESPINHOS

CONTO EXTRA

O
REINO
DE
ESPINHOS

© Sasha Peyton Smith, 2026

TRADUÇÃO DE
FILIPA AGUIAR

 MARCADOR

Lydia Benton

Não há uma batida na porta entre o Outro Mundo e a Inglaterra, mas sinto a presença da minha irmã da mesma forma. Está na maneira como o ar se torna mais denso, o peito aquece e os apliques da parede tremeluzem.

Começa por ser apenas um quadrado de luz na extremidade oposta da mesa do pequeno-almoço, que se expande rapidamente até ficar grande o suficiente para alguém atravessar.

Engulo à pressa o último pedaço de fruta e salto da cadeira.

Passaram-se semanas desde a última vez que vi a Ivy, embora, para ela, tenham sido apenas dias. A minha irmã surge com uma careta, trajando um vestido branco. Consigo ver que está numa sala de estar do Palácio de Kensington antes de atravessar a porta, com o Rhion e o Emmett logo atrás.

— Detesto fazer isto. — A Ivy franze o sobrolho. — Provoca-me sempre dor de cabeça.

Sinto alívio por ela ter mantido o dom de abrir a porta entre os nossos mundos, que ambas recebemos do Bram, embora para mim seja muito mais fácil fazê-lo. Talvez seja a minha ligação ao Outro Mundo e a forma como a magia aqui flui livremente; ou talvez a Ivy sempre tenha sido teimosa de mais para o seu próprio bem. Tenho a sensação de que ela e a magia não deixam de se enfrentar.

— Menos queixas. Mostra-me! — exclamo.

Ela e o Emmett estendem as mãos, exibindo as alianças novas, iguais. Dois círculos de ouro no terceiro dedo da mão esquerda.

O Emmett sorri, orgulhoso. A Ivy cora.

— Como foi o casamento? Foi perfeito? — pergunto, tentando esconder a desilusão por não ter podido estar presente.

A Ivy atravessara a porta nessa manhã para me mostrar o vestido, mas não fora a mesma coisa.

— *Foi* perfeito — responde a Ivy. — O Emmett chorou como um bebé.

— Não como um bebê — protesta o Emmett. — Como um consorte muito digno, profundamente apaixonado pela sua bela esposa.

— Venham, sentem-se — digo, apontando para as cadeiras vazias à volta da mesa. — Contem-me tudo.

— Adorava — responde a Ivy, entristecida. — Mas estou aqui apenas para entregar o Rhion. Infelizmente, eu e o Emmett temos de voltar. O meu novo primeiro-ministro anda insuportavelmente carente e, se faltarmos à reunião de hoje, vai fazer uma birra.

Abraço-os aos dois, embora me custe vê-los partir tão depressa.

— Claro. Ainda assim, quero saber tudo sobre o casamento.

— Visito-te amanhã — promete a Ivy, mas amanhã para ela significa pelo menos uma semana para mim. — Os pais também querem vir.

— Mal posso esperar. — Sorrio-lhe, esperando que não pareça forçado.

Porque estou bem. A sério, estou bem. Preciso que ela acredite nisso.

A verdade é que sou feliz no Outro Mundo. Sinto-me muito mais em casa aqui do que alguma vez me senti na Inglaterra. Finalmente, parece que os meus ossos encaixam bem debaixo da pele.

Mas isso não significa que não me sinta só.

O meu estatuto de rainha torna difícil fazer amigos. É como se houvesse um vidro entre mim e toda a gente.

Há alguns, como a Nan e o Fennick, amigos do Emmett, que são calorosos comigo, mas a maioria dos seres feéricos continua a olhar para mim com cautela ou com uma reverência que torna a amizade verdadeira quase impossível.

A Ivy e o Emmett acenam até a porta piscar e se fechar, deixando-me de repente sozinha com o Rhion.

Ele olha para o chão e depois volta a erguer os olhos para mim. Quando aqui cheguei, há um tempo que agora me parece interminável, nunca teria pensado que o melhor amigo e conselheiro mais próximo do Bram pudesse parecer tímido, mas não encontro outra forma de descrever a sua expressão.

— O julgamento começa para a semana — digo, sobretudo para quebrar o silêncio.

Ele comprime os lábios.

— Ainda bem.

Durante os últimos quatro meses, o Rhion esteve a reunir os poucos membros da corte do Bram que tinham ficado na Inglaterra. Só na semana passada encontrou o último lorde em falta, em Bristol, a fazer acordos com humanos num *pub* cheio de fumo.

Ele vai sentar-se perante um júri na próxima semana, mas a decisão final será minha.

Com ele detido, o Rhion pode finalmente regressar ao Outro Mundo de vez. Não consigo perceber porque é que a ideia de voltarmos a viver sob o mesmo teto me deixa tão nervosa.

Os olhos do Rhion encontram os meus por cima da mesa polida do pequeno-almoço, com algo de levemente sofrido no rosto. Não me passa despercebido que os lordes que ele prendeu em meu nome foram, em tempos, seus amigos — amigos de centenas de anos. Pela primeira vez, pergunto-me se o Rhion se sente tão sozinho quanto eu.

— Queres que mande vir outro tabuleiro? — pergunto, com a voz um pouco baixa de mais.

O Rhion abana a cabeça.

— Não. Não, obrigado.

Faz-me então uma vénia rápida e sai apressado da sala.

Passo o resto do dia a resolver disputas entre espíritos da floresta no Norte. Reconstruir uma nação é, acima de tudo, aborrecido e, quando chega a noite, volto a estar sozinha. Estou farta de fazer refeições sozinha.

Atravesso o castelo até aos aposentos do Rhion e bato à porta com força. Não costumo vir a esta ala, mas a porta do Rhion é fácil de encontrar. É a única pintada de verde-esmeralda.

Ele abre-a momentos depois, surpreendido. Apanho-o fora das roupas ornamentadas que costuma usar. Veste umas calças castanhas e uma camisa branca fina, larga nos cotovelos.

Os seus olhos azuis arregalam-se.

— Majestade. — Pestaneja ao reparar na minha expressão. — Fiz alguma coisa que a tenha aborrecido?

— Foste-te embora.

As sobrancelhas dele juntam-se. Só consegui deixá-lo ainda mais confuso. Gostava de saber explicar, mas nem eu compreendo bem o que estou a sentir.

— Pensei que era isso que devia fazer. Estava a agir como seu representante na Inglaterra.

— Não. — Abano a cabeça. — Desculpa. Queria dizer antes... estou tão farta de comer sozinha.

Quando o meu peito se recompôs depois da faca do Bram, receio que tenha sarado um pouco mal. Há uma pontada persistente mesmo no centro do esterno e dói agora, enquanto olho para o Rhion.

Ele acena com a cabeça, a compreensão a suavizar-lhe as feições delicadas. Estende a mão para o guarda-roupa atrás de si e tira um casaco azul-claro. Veste-o, encolhendo os ombros, e sai para o corredor.

— Então, vamos comer.

— Quero saber mais sobre o casamento — digo, quando já estamos sentados de novo na sala de jantar.

Uma lareira ocupa grande parte da parede do fundo; crepita e estala, iluminando com luz trémula os quadros pendurados por cima.

O Rhion recosta-se na cadeira e sorri.

— O Emmett estava tão nervoso.

Sorrio, imaginando-o a mexer nos botões de punho ou a morder o interior da bochecha.

— Nervoso com o quê?

— Tropeçar nos votos, cair, desmaiar... — O Rhion enumera as razões pelos dedos.

— O Emmett alguma vez desmaiou?

O Rhion ri-se, e isso torna-o tão humano.

— Foi exatamente o que eu disse.

— E como correu?

— Nada de desmaios, nada de tropeções, só um bocadinho de choradeira quando a viu.

O peito aperta-se-me ao imaginá-lo.

— E a Ivy?

O Rhion ilumina-se.

— Estava perfeita. O país adora-a. Todas as mulheres de Londres já estão a tentar copiar o vestido de noiva.

O meu peito aquece ao pensar na minha adorada irmã mais nova — que nunca quisera mais para si do que um quarto na minha futura casa —, agora sentada no trono como rainha da Inglaterra.

Inclino-me para a frente e apoio a cabeça nas mãos.

— Conta-me mais; quero saber tudo.

— Achei estranho um casamento em fevereiro. O tempo estava gelado, mas o Emmett insistiu. Disse qualquer coisa sobre um aniversário ligado a uma carruagem. Chorou quando ela avançou pela nave. Achei o meu discurso de padrinho bastante bom, mas só a Ivy é que chorou.

— O que disseste?

Gosto de como o Rhion fala mais do que qualquer pessoa que conheço. Nos últimos dias, eu quase não tinha falado com ninguém.

— Que tiveram sorte por encontrarem o verdadeiro amor tão jovens e que admiro a forma como cuidam um do outro.

— Continua.

O rosto do Rhion fica sério; as mãos agitadas imobilizam-se.

— Disse que um homem de sorte era aquele que pudesse passar a vida com uma irmã Benton.

— Oh... — murmuro, endireitando-me.

É como se todos os momentos se espalhassem de repente sobre a mesa: a expressão dele no dia em que me casei com o Bram, a forma como me defendeu dos *redcaps*, o uivo de dor que soltou quando a faca me atingiu o coração e as lágrimas que lhe correram pela face quando voltei à vida.

O Rhion desvia o olhar.

— Estraguei tudo, não foi?

— Estragaste o quê?

— O jantar.

— Não — respondo, mas não soo convincente.

Quando me apaixonei pelo Bram, foi como ser queimada na fogueira — contra a minha vontade e de forma avassaladora.

Não sinto isso pelo Rhion, mas estaria a mentir a mim própria se dissesse que não sinto nada. Só que, agora que o calor voltou, o meu instinto é *fugir*.

Da última vez que me apaixonei, isso matou-me.

— Não queria dizer nada. — As palavras do Rhion atropelam-se, como se, ditas depressa, pudessem apagar a confissão. — Não te vou pressionar. Sei que não sentes o mesmo. Ficaria feliz... honrado por ser teu amigo.

— Isso não é...

O Rhion afasta a cadeira da mesa, o cabelo escuro a cair-lhe para a frente do rosto.

— Desculpa. Vou deixar-te em paz.

E, antes que eu consiga protestar, já se foi.

A porta entreabre-se menos de cinco minutos depois, e o meu coração dá um salto, na esperança de que tenha voltado, mas é a Eloreë.

Os olhos dela estão muito abertos enquanto entra em bicos de pés na sala de jantar.

— O Rhion pediu-me que viesse fazer-te companhia — explica em voz baixa. *Estou tão cansada de comer sozinha.*

Não consigo dormir, o que é habitual, mas, desta vez, não é o rosto do Bram que me persegue — é o do Rhion, a forma como a sua expressão ficou abatida quando perguntou se tinha estragado o jantar.

Ele não estragou nada. Detesto que pense isso.

Caminho descalça pelos corredores escuros do castelo, iluminados apenas por globos oscilantes de luz feérica, até à ala do Rhion.

Bato ao de leve. Não quero acordá-lo se já estiver a dormir, e uma parte de mim até deseja que esteja. Assim poderia voltar para a cama e esperar que o sono apague esta sensação estranha e instável no peito.

Mas ele abre quase de imediato.

Sobressalta-se ao ver-me.

— Desculpa — diz depressa.

— Achas que vim bater à tua porta a meio da noite para te ouvir pedir desculpa outra vez?

Ele olha para mim de cima a baixo. Não sei se alguma vez estivemos tão perto.

— Não sei o que pensar.

Ergo as sobranceiras e ele abre mais a porta.

— Entras?

Os aposentos dele são um tumulto de caos e cor, tal e qual o Rhion que tenho de conter um sorriso.

Há uma pequena zona de estar diante da lareira, onde me sento numa cadeira de espaldar alto, verde, forrada a seda.

Brinco com um rasgão no tecido para não ter de olhar para ele.

— Na verdade, ainda bem que vieste — diz o Rhion.

— Ah, sim?

Um leve rubor tingem-lhe as faces.

— Não nesse sentido.

De costas para mim, abre o roupeiro e tira um embrulho envolto em papel castanho.

Entrega-mo.

— Visitei um sítio incrível em Londres. Chamavam-lhe *grandes armazéns*. Lembrei-me de ti quando vi isto.

Desembrulho o pacote e descubro um pequeno conjunto de pintura — um cavalete desdobrável, uma tela pequena e alguns frascos de tinta a óleo.

Solto um arquejo de espanto.

— Obrigada, é lindíssimo.

Não tenho coragem de lhe dizer que quase não pinto desde que o Bram morreu.

— Pintaste uma paisagem há alguns anos. Acho que não ficaste satisfeita, porque a encontrei abandonada no corredor, mas foi uma das coisas mais bonitas que alguma vez vi.

— Não consegui acertar com a luz.

A explicação sai-me pouco mais alta do que um sopro.

— Pintas alguma coisa para mim?

— Se quiseres.

O ar entre nós está estranhamente carregado, pesado das memórias de centenas de olhares trocados ao longo dos anos, em festas, jardins e mesas de jantar.

Talvez eu não esteja a ser sincera comigo própria sobre o que me levou a atravessar um castelo escuro até ao quarto dele esta noite.

O Rhion acaba por quebrar o silêncio incómodo.

— Gostava de ter algo inteligente para dizer. Normalmente tenho um enigma, uma rima ou uma canção, mas, contigo, a minha cabeça fica... silenciosa.

— Desculpa.

— Acho que é uma coisa boa.

A voz dele está um pouco rouca. Pergunto-me se estaria a dormir antes de eu bater.

Baixo os olhos para os joelhos, subitamente consciente de que não pensei em trocar a camisa de noite fina antes de vir aqui.

— Queria dizer-te que não estragaste o jantar.

Ele fica calado tempo suficiente para eu temer que não vá responder. Quando responde, não é o que espero.

— Sei que és capaz de fazer algo grandioso com este reino e quero ajudar-te a consegui-lo. Seja o que for que eu sinta... acredita, consigo pôr isso de lado.

O bater esquivo do meu coração denuncia-me. Aqui está outra vez: esta estranha tensão, o impulso de *fugir* e o impulso de me aproximar, presos num combate contínuo.

— Vou precisar da tua ajuda — digo com franqueza. Ainda há tanta coisa no Outro Mundo que não compreendo. Só na semana passada recebi uma mensagem de um reino no Norte de que nunca sequer tinha ouvido falar.

— Tudo o que precisares de mim, dou-to de boa vontade.

— E se quiseres mais de mim do que aquilo que eu consigo dar? — pergunto, com cautela.

A expressão do Rhion vacila quando atravesso essa fronteira invisível, ao reconhecer finalmente em voz alta o que ele sente.

O Bram nunca me contou nada. A nossa relação começou com meias-verdades, passando a mentiras descaradas e acabando com uma faca no meu coração.

Mas aqui está o Rhion, a olhar para mim, completamente aberto, e tenho a estranha sensação de que não há nada que ele não me desse, se eu pedisse.

Por isso, peço.

— Diz-me apenas. Diz-me o que sentes. — Mesmo apavorada, não quero que fique nada por dizer, não se ele veio para ficar e se vamos viver sob o mesmo teto.

O Rhion inspira com dificuldade, sem desviar os olhos dos meus.

— Estou desesperadamente apaixonado por ti. — Diz isto com uma certeza inabalável, como quem afirma que o céu é azul ou que o sol vai nascer amanhã.

O meu coração falha uma batida quando o peso da confissão se instala entre nós.

— E se eu não estiver pronta? — pergunto.

— Então, eu espero — responde, simplesmente.

— E se nunca estiver pronta?

Mantém a voz leve, os ombros direitos, seguros.

— Então, eu espero para sempre.

— E se eu não for aquilo que queres? E se te deixar entrar e descobrires que eu não correspondo à ideia que tens de mim? — A voz quebra-se-me na última palavra.

— Então, deixo o Outro Mundo e vou morar com o Emmett.

— O quê? — Rio-me. — Pensei que ias dizer algo romântico, como «isso é impossível».

Ele levanta-se, como se de repente estivesse indefeso perante esta força magnética entre nós. Atravessa a sala e puxa-me com suavidade para me pôr de pé. Pousa as mãos de cada lado do meu rosto e afasta-se um pouco para me olhar.

— Isso é impossível.

— Além disso — continuo, agora mais baixo, já que estamos a poucos centímetros um do outro —, o Emmett nunca te deixaria ir viver com ele.

O Rhion parece magoado.

— Sou o melhor amigo dele.

— Ele é o *teu* melhor amigo. Eu sou a melhor amiga *dele*.

— Não. — O Rhion abana negativamente a cabeça, o cabelo escuro em desalinho. — Aquele cãozinho estranho é que é o melhor amigo dele.

Agora, rio-me a sério, aliviada por sentir os muros entre nós a ruírem.

— Está bem. Tens razão.

Os seus olhos tornam-se impossivelmente suaves, azuis como o centro de uma chama.

— Vou beijar-te agora, Lydia Benton.

Os meus membros ficam soltos, quentes.

Ele inclina-se, tão perto que o corpo dele se encosta ao meu, mas os nossos lábios não se tocam como eu esperava.

Abro os olhos e encontro-o a fitar-me, uma pergunta no rosto.

Aceno com a cabeça, e ele cola os lábios aos meus.

Surprende-me o sobressalto do meu coração, a forma como o meu corpo se encaixa no dele, enquanto o ritmo do beijo se dissolve em algo mais suave.

Ele afasta-se e oferece-me um sorriso luminoso.

O meu primeiro pensamento é se vou conseguir pintar esta sensação.

O segundo: *A Ivy vai rir-se imenso quando lhe contar isto.*

Na manhã seguinte, ele espera-me à mesa do pequeno-almoço — e é aí que o beijo pela segunda vez.